

What a fuck are they saying? Ligações entre Relações Públicas, Soft Power e filmes em língua estrangeira na indústria americana

Guilherme Antonio de Lima

Comentário: Devo, inicialmente, dizer que não sei se concordo plenamente com uso feito do conceito de *soft power* (pelos motivos que explico adiante), no entanto, discordando ou não, avalio de maneira positiva o esforço do artigo, pois ele representa uma boa consolidação de esforço de pesquisa. O autor fez – como sugeri em nossas conversas – um esclarecimento do problema, de modo que fica bem subentendida a pergunta que guia a investigação – ou seja, “Existem associações entre Relações Públicas e Soft Power de modo que essas ligações ajudem filmes em língua estrangeira a serem aceitos nos Estados Unidos apesar de diversas barreiras?”. Além disso, há exposição de objetivos, metodologia, análises, enfim, os elementos que constituem um artigo científico. Não creio que hipóteses concorrentes tão similares sejam úteis; a discussão da primeira, a rigor, engloba o que envolve as outras (no estado atual do trabalho).

Agora, o meu questionamento: como o artigo até comenta, soft power (SP) tem a ver, sobretudo, com relações internacionais, ou seja, existe um agente (um ente nacional, geralmente) que procura desenvolver soft power. Nesse sentido, eu esperaria que essa dimensão fosse, de algum modo, tocada ou discutida no trabalho. Os governos do México e a Coreia do Sul podem ou não ter feito algo assim (por exemplo, ajudaram o financiar essas obras?), sem falar na colaboração de ações de RP.

É claro, eu entendi que o trabalho frisou que o soft power “não é uma exclusividade dos governos e das relações diplomáticas, podendo, assim, ser exercido por uma ampla gama de indivíduos, instituições e contextos” (p. 3). No entanto, sem a dimensão das relações internacionais qual a exata diferenciação entre SP e RP? Acredito que isso precisaria ser discutido com mais profundidade, para, inclusive, elucidar o problema. Fala-se que há três fontes de SP: cultura, valores políticos e política externa. E, antes da análise, essas fontes precisariam ser definidas de maneira mais precisa em termos dos indicadores empíricos que permitissem observá-las analiticamente. Também se diz que “Para Nye e sua teoria sobre Poder Suave, o poder econômico, quando sutil, pode ser considerado como Soft Power, **todavia, as elevadas quantias de dinheiro investido tanto em Roma quanto em Parasita contradizem esse princípio**, de modo que o alto investimento buscou, através das RP’s e suas práticas, como eventos, entrevistas e comunicação digital, exercer influência sobre a indústria” (p. 19). Marquei um trecho em negrito, pois a outra questão de questionamento que faço é que não estou convencido que de que o alto investimento “contradiga” a ideia de SP. Na minha compreensão, há uma diferença entre, digamos, usar o dinheiro para comprar os jurados de um prêmio cinematográfico (não soft power) ou gastar dinheiro para que eles tenham interesse em ver a obra e, vendo-a, a repercutam (daí, sim, soft power, envolvendo recursos). Enfim, há pontos que merecem revisão e aprofundamento no estudo. Talvez, no limite, abandonando a questão do SP e se concentrando nas estratégias de RP para contornar preconceitos e dificuldades de filmes estrangeiros no mercado dos EUA. Pense nisso, e eventualmente reformule o trabalho, para enviá-lo a algum espaço de divulgação, como revista científica.

Nota: 8,0